

Quo vadis America?

Publicação: [O Mundo em Português Nº 55](#)

Data de Publicação: Abril/Maio 2004

Autor: Tiago Marques

Em ano de eleições presidenciais, e enquanto a administração norte-americana se depara com um quadro verdadeiramente dantesco no Iraque, não serão surpreendentes as críticas dirigidas a Bush e à sua equipa, vindas dos mais variados quadrantes políticos e sociais mundiais. Enquanto o Iraque pós-Saddam derrapa perigosamente para um cenário de caos, a luta contra o terrorismo parece perder fôlego à medida que os ataques contra civis se propagam pelo mundo. Os atentados de Casablanca, Istambul e Madrid demonstraram a promessa de um mundo mais seguro feita por George W. Bush após a vitória pírrica no Iraque não passou de wishful thinking. O unilateralismo norte-americano e a sua actuação no Iraque minaram a sua credibilidade ao ponto de ser agora comum questionar os motivos pelos quais a administração Bush decidiu intervir de forma tão decidida no Médio Oriente, não permitindo quer a tão desejada e necessária reconciliação transatlântica, quer uma aproximação efectiva à heterogénea comunidade muçulmana que se estende de Marraquexe a Islamabad. Estas são algumas das principais conclusões que se podem retirar da recente sondagem realizada pelo Pew Research Center de Washington, e cujo relatório final foi publicado em meados de Março.

O Iraque e a luta contra o terrorismo

Enquanto que uma maioria qualificada de inquiridos franceses, alemães e russos não só manteve como reforçou a sua posição anti-guerra (88%, 86% e 83%, respectivamente, declararam-se contra a intervenção), mais surpreendente é a posição britânica, onde aqueles que defendem a guerra no Iraque são, pela primeira vez, um grupo minoritário (43%), um resultado que por certo deixará o governo trabalhista de Blair algo apreensivo. Mesmo nos Estados Unidos houve uma acentuada quebra no apoio popular à intervenção em solo iraquiano. No espaço de apenas um ano, a percentagem daqueles que afirmam concordar com a política militar de Bush no Iraque

desceu de 74% para 60%, mesmo tendo em conta o facto de Saddam Hussein ter sido capturado pelas forças da coligação no passado mês de Dezembro.

Menos surpreendente continua a ser a resistência endémica da população muçulmana dos países inquiridos à intervenção no Iraque, onde a opinião anti-guerra é esmagadoramente maioritária e a intervenção é largamente entendida como um ataque ao Islão. Como consequência, o sentimento de hostilidade que grassa nas sociedades locais caracteriza-se sobretudo pela predominância de um anti-americanismo recorrente. No entanto, e no que poderá ser visto como um preocupante sintoma da crescente radicalização da população civil no mundo árabe, uma considerável maioria dos inquiridos jordanos e marroquinos defende a utilização de bombistas suicidas no Iraque que tenham como alvo intervenientes ocidentais, sobretudo se forem norte-americanos (70% e 66%, respectivamente).

Paralelamente, os pressupostos sobre os quais a guerra contra o terrorismo se tem baseado têm cada vez mais sido postos em causa. Assim, largas maiorias em França e na Alemanha acreditam que por detrás deste combate estão causas bem menos nobres que os propósitos recorrentemente reiterados pelos líderes das forças da coligação, tais como o controlo efectivo das reservas petrolíferas do Médio Oriente ou mesmo o menos prosaico propósito de controlar o mundo (58% e 60% para a primeira questão e 53% e 47% para a segunda, respectivamente). Já a opinião dos inquiridos muçulmanos sobre o mesmo tema tende a focar sobretudo questões regionais, sendo paradigmático o sentimento que a guerra contra o terrorismo terá porventura o objectivo de assegurar o controlo de toda a região por Israel, assim como uma possível agenda secreta norte-americana que pressuporia a eliminação a prazo de regimes árabes considerados hostis (70% dos inquiridos jordanos e 54% dos marroquinos no que diz respeito à primeira questão, 53% e 46% relativamente à segunda, respectivamente).

A Europa distancia-se dos EUA

No que será um preocupante sinal da deterioração dos laços transatlânticos, a sondagem do Pew Research Center aponta para um gradual afastamento entre a população das principais potências europeias e a nação americana. Mesmo que, curiosamente, uma maioria significativa de inquiridos norte-americanos seja a favor da manutenção e mesmo do fortalecimento da parceria transatlântica (55%), sintomático é o facto dos inquiridos britânicos, tradicionalmente mais alinhados com a opinião pública norte-americana, clamarem hoje por uma maior independência política europeia vis-à-vis os Estados Unidos (56%). A lista dos países que dão clara preferência a um papel

mais independente por parte da Europa no contexto político mundial é naturalmente liderada pela França (75%), logo seguida pela Turquia (60%), assinalando porventura a fractura entre Istambul e Washington aquando da invasão iraquiana. Maiorias claras na Alemanha (63%) e na Rússia (56%) defendem igualmente uma maior independência da política europeia.